



2º Domingo de Páscoa (18/04/04)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Jó 42:1-6

O livro de Jó, de onde é retirado texto do Antigo Testamento para este domingo, é um texto sapiencial (de sabedoria) que se relaciona com o Eclesiastes (ou Coélet) e com os dêutero-canônicos Eclesiástico (ou Sirácida) e Sabedoria. Todos eles contêm o que Von Rad chamou de "*sabedoria teológica*". Este tipo de sabedoria estabelece uma discussão com determinadas teologias presentes no meio do povo ou de setores do clero. Ela é diferente da "*sabedoria empírica*" que é uma condensação de máximas a partir da observação contínua de eventos naturais ou das relações humanas.

O livro de Jó discute a chamada "*teologia da retribuição*" que tem como princípio básico o entendimento de que todo sofrimento é produto de algum pecado. O livro consta de duas partes bem diferenciadas. Uma das partes é em prosa composta pelo prólogo (1-2) e o epílogo (42:7-17) onde se faz referência a histórias antigas da mitologia egípcia e babilônica que falam de um justo que sofre por causa do desentendimento entre as divindades ao seu respeito. A outra parte, ou corpo do livro, é em verso e pode ser subdivida entre o diálogo com os "amigos" (Elifaz, Baldad e Sofar, sendo que no final o último é substituído por Eliú) e o diálogo com Deus (38:1-42:6).

Os amigos tentam, em dois ciclos de discurso e respostas, convencer Jó de que deve pedir perdão pelo pecado que lhe está causando tanto sofrimento (cf. 5,6-7; 8:3-6; 11:13-15). Acho que, no desespero qualquer pessoa sensata concordaria em pedir perdão nem que seja pelas dúvidas. Mas Jó não aceita a injustiça e entende que seu sofrimento é injusto pedindo para Deus uma explicação!

Essa explicação não vem em forma de discurso pronto e acabado mas em forma de perguntas. As perguntas que Deus dirige a Jó o fazem contemplar a criação com seus poderes e belezas. De fato é impossível para um ser humano compreender a justiça de Deus, responde Jó (42:3). Mas atitude de Jó, a busca constante pela justiça, não é condenada. A busca de Jó o levou a alcançar a misericórdia e a ver a grandeza de Deus com seus próprios olhos (42:5), enquanto seus amigos que usavam a teologia para aumentar a angústia de quem sofre e compactuar com a injustiça, não viram Deus. Estes "amigos" ficaram cegados por sua teologia do discurso pronto e acabado e foram condenados a pedir desculpas a Jó (42:7-9). No Evangelho deste domingo vemos que Tomé não foi condenado por buscar a verdade mesmo que fosse, num primeiro momento, contra o testemunho das outras pessoas (João 21:29). Lembremos que é possível acreditar sem ver Jesus mas é possível ver Jesus no rosto das pessoas que sofrem! (HMG)

2ª leitura: Apocalipse 1.1-8, (9-19).

A Páscoa é a quadra litúrgica em que intensamente celebramos a presença do Ressurreto. O recorte de hoje corresponde a essa perspectiva.



Aquele que diz ser testemunha (mártir), irmão e companheiro (co-participante) no sofrimento da perseguição, encontra-se na ilha de Pátmos por causa da Palavra de Deus (19.13, Jesus Cristo é o Verbo de Deus). "No dia do Senhor... no Espírito" é uma linguagem litúrgica. A Igreja se reúne pelo poder do Espírito Santo no dia do Senhor (Ressurreição) para a Liturgia.

Vs. 9ss. - Há duas palavras importantes associadas com o sofrimento: perseverança e realeza. A perseverança é não perder a coragem nas tribulações. É comum dizer-se que o Apocalipse é do período em que a Igreja foi duramente perseguida sob Domiciano. A realeza é a participação na realeza de Cristo crucificado e ressurreto. Com isso fica estabelecido o confronto com a religião do Império. Em meio à tribulação foram eles feitos pelo Batismo cidadãos do Reinado de Cristo, e incorporados na comunidade sacerdotal. Cidadão e Sacerdote eram dois títulos honoríficos. Isso é aplicado a todos os batizados como também hoje (ver LOC p.169: "*Deus hoje te recebeu em sua Igreja pelo Batismo; nós te acolhemos na família do Senhor, como membro do Corpo de Cristo, como filho (a) do mesmo Pai celestial, como cidadão (ã) conosco do Reino de Deus... compartilha conosco do seu Eterno Sacerdócio*") A Liturgia é a reunião dos batizados. Na Liturgia ouvimos a Palavra de Deus não só escrita, mas também contemporânea (vs. 19 - ...o que você viu e como as que devem acontecer...).

A conexão entre nós (em diferentes circunstâncias, eventualmente, no sofrimento) e a realeza e sacerdócio é Aquele que nos ama (vs. 5ss.). Esse testemunho está na forma de doxologia dirigida a Cristo ressuscitado como acontece na liturgia. Há maus hábitos programados de que o uso da palavra é sempre deixar uma mensagem para a Igreja, esquecendo-nos de que nos reunimos para dirigir as nossas palavras de louvor e ação de graças a Deus Triúno.

Vs. 4 - A Palavra é dirigida à Igreja. O número sete simboliza a plenitude, o todo, a catolicidade. Havia outras Igrejas conhecidas. Por que essa seqüência? Uma resposta plausível é que elas estavam na rota do correio da época. O testemunho da Palavra se serviu dos meios de comunicação da época.

A presença do Filho do Homem é descrita com os símbolos do Antigo Testamento, por exemplo, candelabros, no meio dos quais a figura com túnica comprida, etc. Em Zacarias 4.1 os candelabros são a presença de Deus. Em Daniel 7 temos essa descrição do Filho do Homem (olhos flamejantes, Dn 10.6) Da boca sai uma espada de dois gumes. A Palavra de Deus é como a espada de dois gumes. (Is 49.2) É do Ressuscitado que vem a Palavra de Deus. É bom lembrar de que o Filho do Homem identificado com Jesus é uma figura humana que passa pelo sofrimento, privação e rejeição em prol do Reino e, em favor de todos (Mc 8.31; Lc 9.58). Por outro lado, há quem como E. Corsini, considere uma alta cristologia, a de transcendência na figura do Filho do Homem extraída de Daniel. Na verdade, não é mutuamente excludente em Jesus Cristo a figura transcendente e a figura que vive a vida de quem não tem onde reclinar a cabeça. Aliás, o Apocalipse trabalha com as figuras que expressam a divindade de Cristo (por exemplo, Palavra de Deus em 19.13 ou Alfa e Ômega) e, ao mesmo tempo, a humanidade que se identifica com cada um de nós, passando vitoriosamente pela morte e ressurreição.



Diante da grandeza do Ressuscitado João cai aos seus pés. Aqui vemos que a revelação não é apenas revelação do esplendor de Deus, mas esplendor na libertação, no reerguimento dos oprimidos e perseguidos. É como foi dito no Salmo 113 – “Deus se curva para prover tanto nos céus como na terra. Da humilhação ele levanta o pobre e da miséria o indigente para que assente ao lado dos príncipes”.

Quem diz: não tenha medo é o Primeiro e o Último, o Criador do tempo, que afirma a vida não como quem a vê de fora, mas como quem participa da vida mortal e vence a separação da morte. Não tenha medo é uma expressão da presença de Deus no Antigo Testamento e aparece nos lábios de Jesus nos Evangelhos. Essa presença é qualificada pelo que foi feito em Jesus Cristo. (ST)

2º comentário - Apocalipse 1:1-19.

O tempo da Páscoa é um tempo maravilhosamente excitante para a Igreja. É um tempo que nos faz voltar àqueles momentos em que a igreja primitiva meditava sobre os acontecimentos da cruz e elaborava suas conclusões, guiada pelo Espírito Santo. O clima é de exaltação por se ter chegado à conclusão de que a morte não era capaz de deter o Cristo e sua mensagem. Pelo contrário, a aparente morte de Jesus não representou o desaparecimento da proposta, mas uma resignificação com base no testemunho do sepulcro.

No texto da segunda leitura de hoje, estamos diante da introdução ao livro da *revelação*. É importante ressaltar que a expressão *apocalipse* não ajuda a compreender o real interesse daquele pastor em escrever para sua igreja perseguida. O principal personagem do texto de hoje é João, bispo da igreja na região de Éfeso, João está preso pelo testemunho de Jesus Cristo. Uma vez preso ele se vê incapaz de edificar sua igreja que sofre diante das perseguições do Império Romano. Mas, diante das suas dificuldades, ele escreve uma carta. Não é uma carta qualquer. Ela é escrita em um gênero literário bastante conhecido por qualquer judeu na Ásia menor: a literatura apocalíptica. A vantagem é que, escrita neste gênero literário, a carta passaria sem problemas pelos sensores romanos e atingiria seu alvo: consolar e edificar o povo de Deus diante da tribulação. João, pastor do povo de Deus, é chamado a assumir pelo menos três funções essenciais em momentos difíceis, funções e atividades que todos os pastores também devem se sentir chamados.

Em primeiro lugar, João é descrito como o companheiro na aflição (9). João, um homem já idoso e certamente doente, estava aprisionado na ilha de Pátmos por causa de sua fé. Como qualquer prisioneiro, sua vida não era fácil. A ausência dos amigos, a solidão, a tortura, a pressão psicológica, a falta de notícias sobre sua igreja, tudo isso fazia com que João também sentisse o que significava carregar sobre seus próprios ombros a dor e a angústia, a privação e a solidão. Ele era alguém que compartilhava, com sua igreja, das mesmas dores. Era prisioneiro como eles, sofredor com eles e perseguido como eles. João compartilhava das mesmas dores porque partilhava do mesmo Reino e porque partilhava das mesmas esperanças. Precisamos, também hoje, de pastores que sofram as dores do rebanho, que sejam companheiros na aflição e que conheçam as dificuldades que assolam o povo de Deus. Estes podem falar com mais propriedade e podem consolar com mais eficácia e autoridade.



Em segundo lugar, João é descrito como o visionário (10-19). Os versos 10 a 19 descrevem a visão gloriosa de Jesus. Esta visão será a chave da interpretação do livro, pois nos apresenta um Cristo glorioso e pronto para a batalha caminhando ao redor de sua Igreja. João assume agora a postura daquele que sonha com um futuro de vitória porque viu aquele que foi morto mas que ainda vive, aquele que tem em suas mãos as chaves da morte e do inferno. Este é aquele que venceu o maior poder de todos: a morte. Este é o vencedor; este, que anda ao nosso lado, que passeia por entre a Igreja perseguida, é aquele que venceu. Sua mensagem é clara. Embora perseguida e abatida pelos romanos, a última palavra será daquele que venceu. Não estamos sós no mundo. Lembro-me das últimas palavras ditas pelo grande teólogo K. Barth antes de entregar sua alma: "Há um governo". Diante de um interlocutor ao telefone, Barth nos lembra que nada que nos acontece é sem propósito. Não estamos entregues ao acaso. Porque Ele vive, podemos crer no amanhã. Apenas a fé pode resistir à pregação da angústia e da falta de sentido no universo. Os pastores de hoje são chamados, como João, a afirmar sua fé naquele que está vivo e que anda no meio de sua Igreja.

Em terceiro lugar, João é descrito como profeta (11, 19). Nestes dois versos João é intimado a passar adiante sua visão de mundo e suas perspectivas sobre a história e sobre a Igreja. Ele é instruído a descrever e a falar sobre tudo o que pode ver (11, 19). Como pastor ele não poderia permanecer em silêncio vendo a violência dar a última palavra e presenciando os cristãos perderem a fé no futuro. Não podemos perder a fé. Se Cristo está vivo, se ele está em nosso meio, passeando por entre a igreja que sofre, então não podemos nos calar. Temos que propagar aos quatro cantos que a morte e a violência não terão a última palavra, mas esperamos novos céus e nova terra em que reinam a justiça.

Nestes tempos da páscoa, somos convidados a pensar que a experiência da morte não é algo restrito a alguém que conhecemos ou alguém distante. Todos nós experimentamos as forças da morte todos os dias. Nós experimentamos as forças desagregadoras da dor, do sofrimento, da injustiça e da separação com mais regularidade do que estamos dispostos a admitir. Mas é justamente aí, em meio ao aparente império da morte, que a mensagem do ressuscitado toma corpo e nos chama, e nos convida a crer. Nos convida a acreditar de todo o coração e a vencer as dificuldades com as forças do ressuscitado. (JLFA)

Santo Evangelho - João 20:19-31

"Se vocês perdoarem os pecados de alguém, esses pecados são perdoados; mas se não perdoarem eles não são perdoados".

"Você creu porque está me vendo? – disse Jesus – Felizes os que crêem sem ver!".

Dizem os estudiosos que a queda das torres gêmeas assinala o marco de o mundo entrando na era pós-moderna. Esta estória de marcos históricos é bastante relativa, pois o fim de uma época e o início de outra só deve ser referido no tempo



para efeitos didáticos. O que acontece realmente é o fenômeno de passagem que implica numa mistura de épocas aonde a etapa seguinte vai gradualmente se manifestando. Por causa disso, embora se vejam traços bem nítidos da pós-modernidade, ainda estamos num mundo com gente de mente pré-moderna, outros com mente moderna e um grupo crescente já com mente pós-moderna. A Igreja no seu aspecto católico é marco cultural pré-moderno, no seu aspecto protestante é marco moderno. Ela não faz sentido ainda, para quem vive a pós-modernidade.

São João Evangelista se esforça para anunciar a mensagem para judeus helenizados. Assim a mensagem é judaica, mas o meio de transmissão da mensagem é helênico. Por isso há alusões ao mistério que faz sentido ao pós-moderno.

Aqui pecado é falado no plural, naturalmente não referindo-se à condição existencial, mas a erros que cometemos como consequência dessa condição. Quem eram os discípulos para perdoar nossos erros? Mas o Espírito Santo foi soprado sobre eles e isso muda toda a estória. Precisamos receber perdão porque nadamos num mar de imperfeição, e se não houver o perdão, a nossa auto-rejeição vai se aprofundar especialmente para aqueles que tem sensibilidade para contemplar o mistério.

Receber o perdão é sentir a nova vida que nos capacita a crer mesmo não vendo. Fé é lançar sorte e caminhar à moda dos gregos antigos viajando por suas estradas escuras, com lampiões amarrados às pernas. À medida que damos mais um passo, o caminho vai se iluminando.

Isto não é lógico, não é moderno ou pré-moderno, é mais pós-moderno. (GSL)

2º comentário ao evangelho – João 20.19-31

O capítulo 20, do qual se extrai o recorte de hoje, compreende a narrativa do túmulo vazio e aparição do Ressuscitado a Maria Madalena (vs. 1-18, onde os discípulos ficam na dependência do testemunho apostólico da M. Madalena), a aparição aos discípulos e o envio da Igreja ao mundo (19-23), e aparição a Tomé.

Vs. 19ss. - No recorte para hoje, o Jesus ressuscitado envia sua Igreja ao mundo. Entre a paz que o Ressurreto comunica e o sopro do Espírito Santo está a função do mesmo de não apenas levar adiante a missão de Jesus, mas também de levar a Igreja ao aprofundamento da memória seletiva do Evangelho, para que isso se reverta em missão – “Jesus fez muitos outros sinais que não estão aqui, estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus Cristo é o Filho de Deus” (vs. 30-31).

“A paz seja convosco” ressoa a promessa de Jesus após anunciar a chegada de sua hora, na ceia com o lava-pés - “deixo-vos a paz” (14.27), no contexto da promessa do Espírito Santo (vs. 26). Essa paz é dada à comunidade que enfrenta o relacionamento difícil com o mundo que a cerca. Esse mundo que a odeia não é o universo criado, mas o mundo que confronta a comunidade joanina (15.18-25). Essa paz conhece a vitória do amor doador (“Deus amou o mundo” - 3.15ss), e com esse amor Jesus amou-os inesgotavelmente e inteiramente (13.1), sinalizando o gesto de amor ao seu traidor e expresso no novo mandamento (vs. 34). Ligando esse amor doador, reconciliador, libertador e curador (que cura as feridas.) com o perdão dos



pecados (20.23) podemos perceber que a paz que o Ressuscitado nos oferece é fruto do amor visto nessa perspectiva da obra de Deus em Cristo que o Espírito Santo nos lembra. Então, a comunidade deve viver o perdão e de acolhida como sinais do Espírito. Isso é condição da obra missionária. É preciso nos libertar de nossa visão "programada" dos sinais do Espírito Santo que sempre nos levam a identifica-los com as coisas extraordinárias esporádicas, deixando de lado os sinais naquelas coisas que expressam e edificam a humanidade de Jesus voltada ao Pai e às pessoas, em nós e noutros, o clamor pelo Abba-Pai e conseqüente a fraternidade em paz e amor, (ver Rm 8.15,26; Gl 4.6; 5.22; Lc 22.42; 23.46).

É bom observar que o envio da Igreja traz a ressonância da oração de Jesus (17.18) no sentido de que a missão é de Deus em Cristo no poder do Espírito Santo, não no sentido de que cruzemos os braços como alguns entenderam quando se referia à missão de Deus. A missão é de Deus Trino. Dele vem o poder e a direção e temos a graça de ter parte nela. A Páscoa é a quadra do ano cristão em que a ação de graça e louvor a Deus pela ressurreição de Cristo se torne em movimento que envolve mais e mais gente nesse louvor. (ST)